Pandemia de COVID-19 e vivência de mulheres negras na periferia

Aline Bezerra Silva*

Resumo: Este texto explora as experiências de mulheres negras moradoras de Cidade Tiradentes (zona leste do município de São Paulo) durante a pandemia de COVID-19, destacando as dificuldades enfrentadas e a importância da solidariedade e resiliência. O texto aponta a sobrecarga de trabalho, a impossibilidade de isolamento social adequado e os impactos na saúde física e mental. Em conclusão, é ressaltado a importância da solidariedade, resiliência e autonomia das mulheres periféricas de Cidade Tiradentes, bem como a urgência de políticas públicas que considerem a perspectiva de gênero na reconstrução pós-pandemia.

* Universidade Federal do ABC (UFABC);

DOI: https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1471

Palavras-chave: COVID-19; mulheres; periferia; Cidade Tiradentes; Cidade de São Paulo

Introdução

Durante a pandemia de COVID-19, além de valorizar as pequenas coisas da vida, pude constatar as diferenças e dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas periferias, principalmente com relação às mulheres negras na Cidade Tiradentes. Com o isolamento social, precisei encontrar maneiras de manter minha subsistência e da minha família e tentar seguir a vida dentro do possível. Neste artigo, vou compartilhar minhas experiências e lições durante esse período desafiador.

Como Promotoras Legais Populares (PLP)[1], busquei apoio em um Centro de Defesa e de Convivência da Mulher - Casa Anastásia (CDCM)[2] , espaço que já conhecia desde 2018, mas ao qual tive acesso de forma mais ativa apenas em 2020, durante a pandemia, estabelecendo uma conexão mais profunda com o território onde moro.

A Casa Anastásia é um centro de convivência e defesa da mulher, que tem como objetivo acolher mulheres em situação de violência, oferecendo atendimento psicossocial, orientação e encaminhamento jurídico quando necessário. Sua

1 Para mais informações sobre as PLPs acesse o link https://promotoraslegaispopulares.org.br/

2 Para mais informações acesse o site https://prefeitura.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/rede_socio-assistencial/331256

atuação contribui para o fortalecimento dessas mulheres e de seus familiares, com o intuito de romper o ciclo de violência e promover o resgate da cidadania.

Porém, na pandemia, o CDCM viu a necessidade de ofertar atendimento não só a mulheres vítimas de violência, mas a todas as mulheres do território que de alguma maneira tiveram sua vida impactada pela pandemia. Por meio de um trabalho preventivo, foi oferecido um local de acolhimento para todas aquelas que se encontravam num momento de vulnerabilidade.

Construí uma rede de apoio juntamente com outras PLPs e o CDCM no território onde moro, Cidade Tiradentes. A partir desta rede, pude passar pela pandemia transformando o ambiente mais seguro dentro do possível. Através das PLPs, também tive acesso a informações sobre educação, direitos humanos, saúde e recursos que me ajudaram a superar as dificuldades enfrentadas durante o período.

Para nós, mulheres periféricas e principalmente mulheres negras, a pandemia trouxe uma sobrecarga. Muitas de nós, como foi o meu caso, vivíamos em uma tripla jornada de trabalho, nos dividindo entre cuidados com familiares, trabalho doméstico, trabalho remunerado e a busca pela sobrevivência.

De certa forma, para nós pouca coisa mudou. Continuamos a utilizar o transporte público, nos deslocando em média duas horas para o local de trabalho. Não tivemos a opção de fazer um isolamento social adequado e com isso veio inúmeras situações como estresse, ansiedade e depressão.

Nesse momento, foi fundamental essa conexão com o coletivo das PLPs e o CDCM Casa Anastácia, que viabilizou o atendimento psicológico e acesso a outros serviços, que até então estavam restritos ao período pandêmico. Essas redes de apoio foram cruciais na redução de danos, com isso pude comprovar as desigualdades sofridas pela população da periferia nos ensinando a importância da adaptação a situações adversas, sobre ter uma rede de apoio e também sobre resiliência.

O nosso território mostrou a força do trabalho mútuo entre vizinhos e familiares que se ajudaram com alimentos e bens essenciais. A grande lição que ficou foi sobre a importância da solidariedade e de como as mulheres da periferia são capazes de se unir e se apoiarem mutuamente com o intuito de superar qualquer obstáculo.

As desigualdades por nós enfrentadas foram evidenciadas ainda que o poder público tenha fechado os olhos para esses territórios. No entanto, a resiliência e a capacidade de resistir nos permitiu superar esse período, através das nossas próprias estratégias.

Considerações Finais

A pandemia também mostrou a importância do empoderamento e da autonomia das mulheres que precisam ter voz e espaço para tomar decisões sobre suas próprias vidas. É fundamental considerar a perspectiva de gênero ao analisar os impactos da pandemia, pois, as mulheres na periferia enfrentam

desafios específicos que precisam ser abordados (Vella, et al, 2025).

A pandemia destacou as necessidades de políticas públicas que atendam às necessidades específicas das mulheres na periferia, incluindo acesso a serviços de saúde, educação e apoio econômico. Ao reconstruir e recuperar após a pandemia devemos priorizar as necessidades e direitos das mulheres garantido que não nos deixem para trás nos processos de tomada de decisões.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2024/14728-0.

Referências

VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XXI., 2025, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565